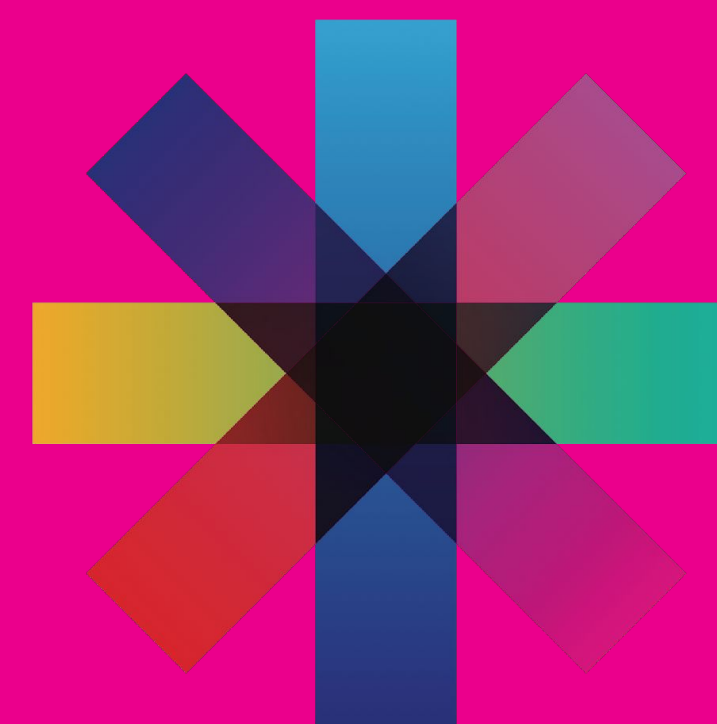

GRUPO DE COLABORAÇÃO

GRANTMAKING



**11º
CONGRESSO
GIFE/
FRONTEIRAS
DA AÇÃO
COLETIVA**

APRESENTAÇÃO

O Grupo de Colaboração Grantmaking, ação integrante do 11º Congresso GIFE em parceria com a Rede Temática de Grantmaking, foi realizado de 5 à 26 de novembro de 2020 e reuniu diferentes atores do ecossistema, entre eles representantes de organizações da sociedade civil, investidores sociais, consultores e academia, além de contar com a participação dos especialistas André Degenszajn e Lara Rolnik, do Instituto Ibirapitanga.

Uma atividade que estimulou reflexões sobre questões centrais que permeiam a prática de Grantmaking e debateu aspectos que articulam essa modalidade como agenda pública e prática filantrópica. Os encontros também permitiram mapear as principais inquietações sobre o tema, aprofundar desafios comuns, trocar boas práticas e refletir sobre possibilidades para avançar em diferentes frentes.

Confira neste documento uma síntese com os principais pontos debatidos pelo grupo ao longo desta jornada colaborativa.

ÍNDICE

04 Participantes

07 Ferramentas e canais GIFE sobre Grantmaking

08 Apresentação - Especialistas convidados

10 Inquietações e desafios da prática de Grantmaking

33 Reflexões, insights e desejos de ação individuais pós jornada

33 Indicação de temas prioritários para serem tratados pelo GIFE

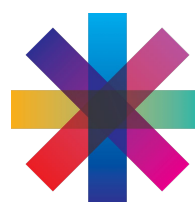
38 Avaliação da jornada



PARTICIPANTES



Adriana Alvarenga	UNICEF	Karen Polaz	GIFE
Alânia Siqueira	Macambira	Katiane de Souza	Spectaculu
Andre Degenszajn	Instituto Ibirapitanga	Laís Higashi	Litros de Luz
Bruna Holanda	USP	Luciana Rossi	Instituto Cactus
Cássio Aoqui	ponteAponte	Maite Gauto	Oxfam Brasil
Célia Schlithler	Consultora	Manuela Thamani	Instituto Ibirapitanga
Cheila Zortéa	ICOM	Maria Fernanda Quartiero	Instituto Cactus
Danielle Moreira	Instituto Samuel Klein	Mariana Levy	USP
Gabriela Torquarto	Vetor Brasil	Michel Freller	Sem organização
Gleice Sanches	Fundação Ford	Michele Rocha	Instituto Humanize
Luiza Serpa	ICS	Patricia Mussi	Instituto Liga Social
Graciela Hopstein	RFJS	Patricia Ribeiro	B3 Social
Iara Rolnik	Instituto Ibirapitanga	Silvia Moraes	Synergos
Joana Mortari	MCD	Viviane Naigeborin	Arimax
Joice Garcia	Instituto Humanize	Wagner Silva	Fundação Tide Setubal



MURAL DOS PARTICIPANTES

Sabemos que o formato online diminui as possibilidades de conexões que um encontro presencial pode proporcionar e, para minimizar este impacto, criamos o mural dos participantes. Assim, cada participante pode contar um pouco mais sobre si, suas motivações em participar deste grupo de colaboração e disponibilizar seus contatos.

[Clique aqui](#) para conferir e interagir.



FERRAMENTAS E CANAIS GIFE SOBRE GRANTMAKING

GrantLab: plataforma de compartilhamento de conhecimento prático sobre grantmaking que visa contribuir para um investimento social privado mais doador no Brasil.

Nota técnica: “Boas práticas na relação entre financiadores e donatários”.

Infográfico do Censo GIFE: Grantmaking - Avanços do campo no financiamento a terceiros.



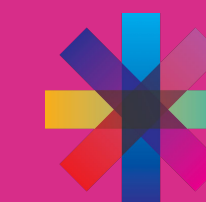
ESPECIALISTAS CONVIDADOS



ANDRE DEGENSZAJN
Diretor-Presidente do
Instituto Ibirapitanga
Foi Secretário-Geral do GIFE



IARA ROLNIK
Diretora de Programas do
Instituto Ibirapitanga
Foi Gerente de Conhecimento do GIFE



PONTOS ABORDADOS PELOS ESPECIALISTAS

INSERÇÃO NO CAMPO

Qual papel a sua organização pretende desempenhar no ecossistema?

- Institucionalidade vs. Função
- Suporte vs. Liderança
- “A partir do campo” vs. “Sobre o campo” [permeabilidade]
- Controle vs. Confiança/autonomia
- Doador como “mal necessário” vs. donatário como “mal necessário”

RESULTADO E IMPACTO

Como a instituição estabelece sua percepção sobre avaliação, resultado e impacto?

- Bússola vs. Mapa
- Atribuição (causalidade) vs. Contribuição
- Intervenção vs. Fortalecimento [percepção sobre transformação]
- Projeto vs. Portfólio
- Capacidade vs. legitimidade
- Oportunidade vs. estratégia

PRINCÍPIOS

Quais princípios regem a definição sobre os processos adotados pela organização?

- Simplificação/leveza vs. Segurança/solidez
- Capacidade institucional (operação) vs. Eficiência (doações)
- “Contratação de serviços” vs. “Assinar o cheque”
- Experimentação vs. Eficácia

COMUNICAÇÃO E RECONHECIMENTO

Que tipo de voz a sua organização quer ter? Como quer ser percebida?

- “Low profile” vs. “High profile”
- Ocupar espaço vs. Abrir espaço
- Força política vs. Menos resistências/mais margem de manobra
- Centralização vs. descentralização
- Alta expectativa de reconhecimento vs. Baixa expectativa de reconhecimento

[CLIQUE AQUI PARA ASSISTIR A GRAVAÇÃO DA PALESTRA](#)

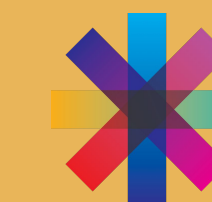


ENCONTROS TEMÁTICOS

INQUIETAÇÕES E

DESAFIOS DA PRÁTICA DE

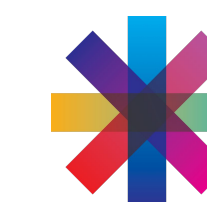
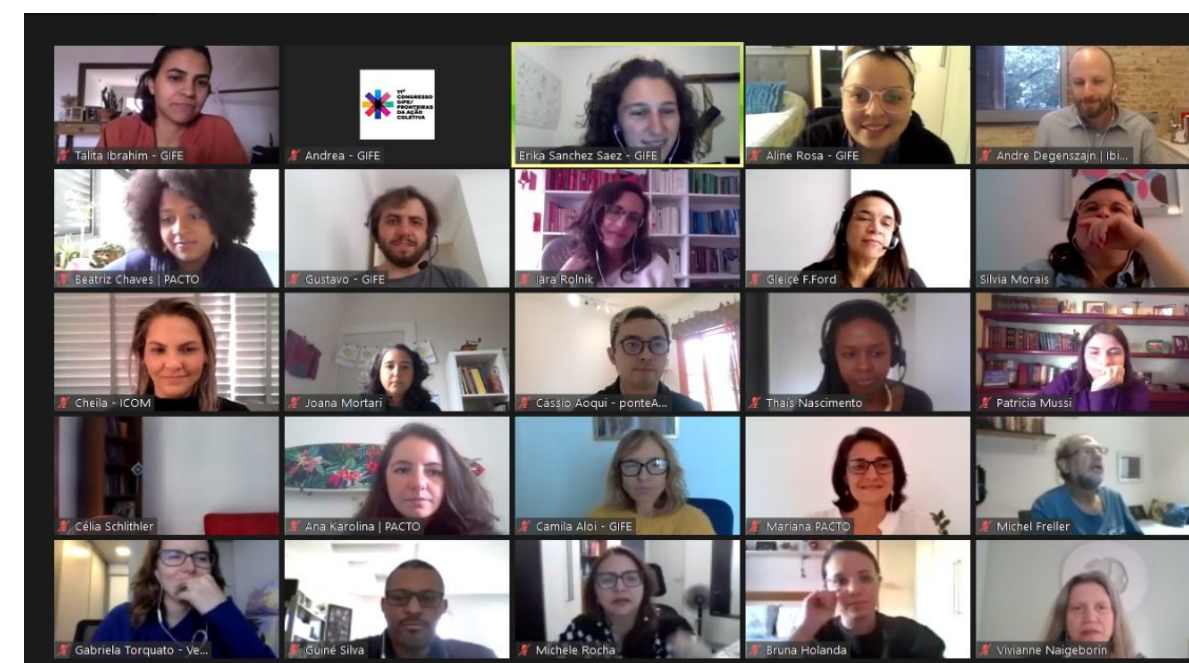
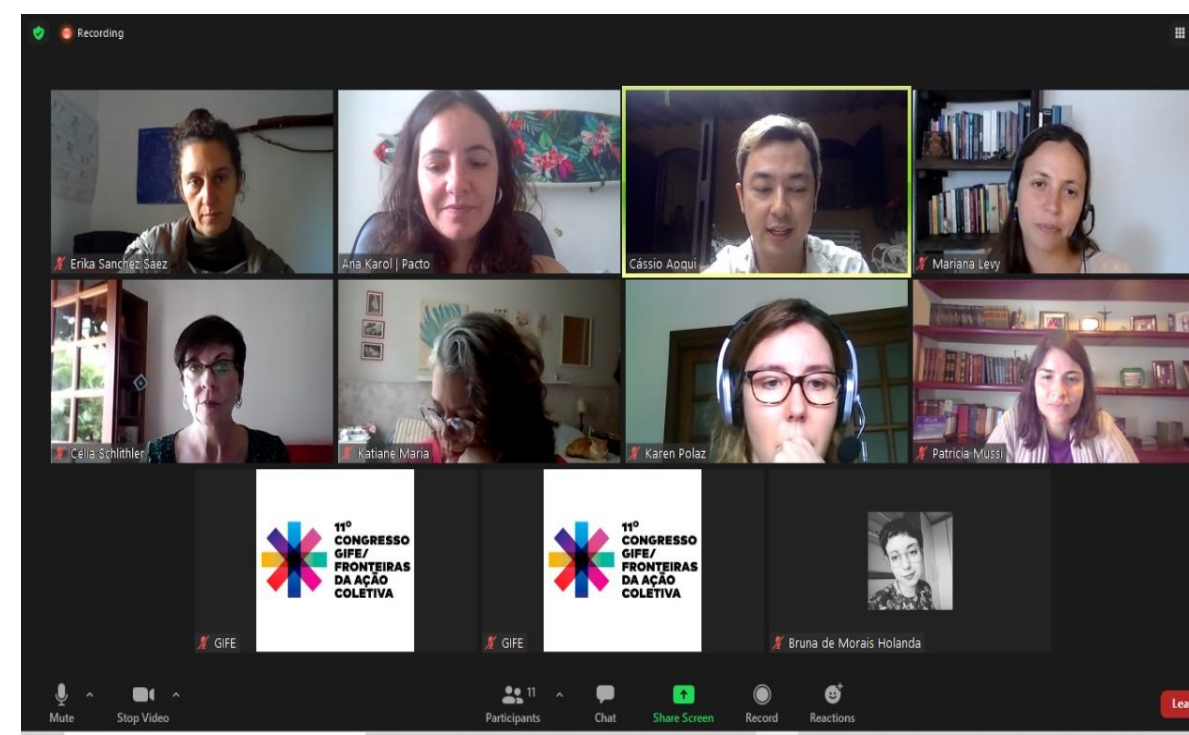
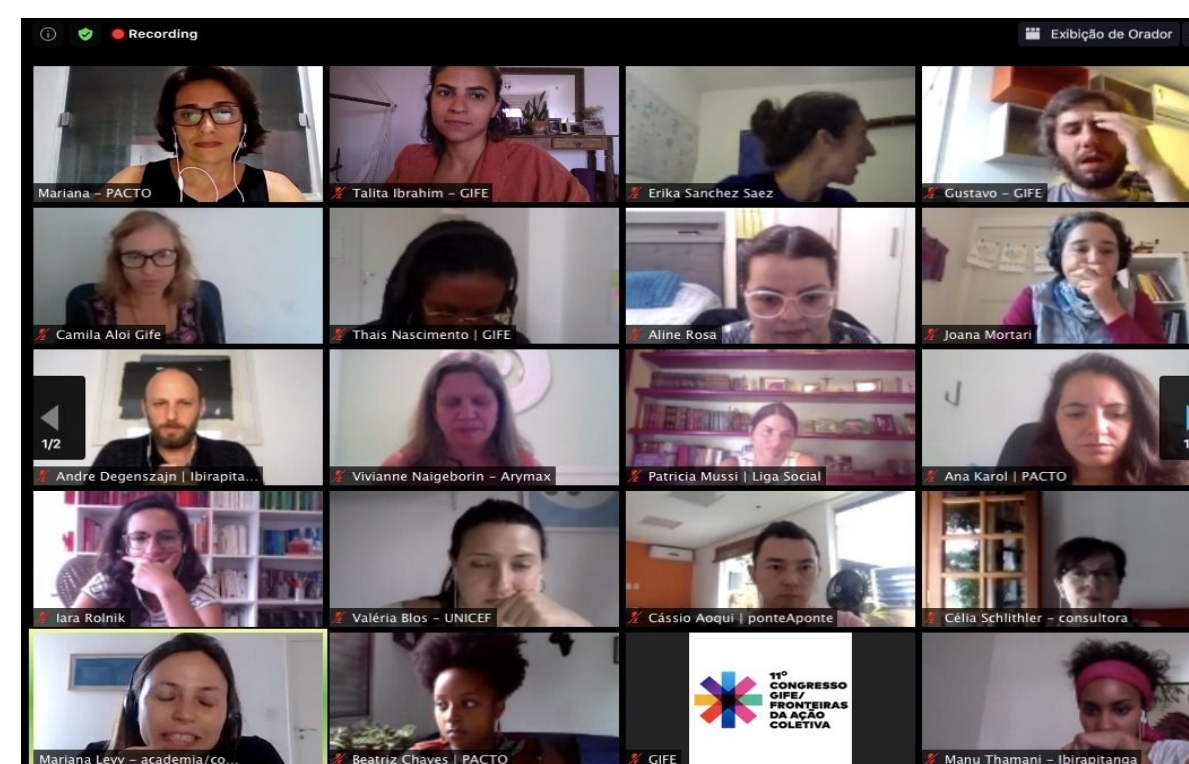
GRANTMAKING



A partir do levantamento das principais inquietações e desafios em relação a prática de Grantmaking pelo grupo, foram selecionadas cinco questões de maior relevância.

Cada uma delas norteou encontros temáticos, nos quais os participantes puderam se aprofundar na questão, refletir sobre os desafios, compartilhar boas práticas e identificar possíveis ações de melhoria.

Confira a seguir a síntese de cada um destes encontros.



QUESTÕES PRIORITÁRIAS

- 1** Qual o equilíbrio ideal entre considerar arranjos diferentes e modelos de acompanhamento/prestação de contas, para dar segurança na relação entre as partes e não puxar demais a corda para um dos lados?
- 2** Como decantar o princípio "shift the power" em todo o processo de relacionamento com as OSCs?
- 3** Como trabalhar com indicadores considerando as dificuldades do campo em mensurar seus impactos?
- 4** Como construímos o fortalecimento da democracia juntos? Ao invés de olhar para a causa exclusivamente, como olhar para as OSCs como parte do propósito do financiador?
- 5** Quanto o coinvestimento beneficia ou centraliza ainda mais os investimentos?



TEMA 1

PARTICIPANTES

Luiza de Mello e Souza - Instituto Clima e Sociedade

Luciana Rossi - Instituto Cactus

Gleice Sanches - Fundação Ford

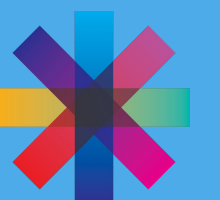
Bruna Holanda - USP

Alânia Cerqueira - Macambira Sociocultural

Camila Aloí - GIFE

Mariana Garcia - PACTO

Qual o equilíbrio ideal entre considerar arranjos diferentes e modelos de acompanhamento/prestação de contas, para dar segurança na relação entre as partes e não puxar demais a corda para um dos lados?



TEMA 1 | DESAFIOS

Diversidade entre a prática dos doadores:

- Recurso com liberdade e pouco acompanhamento
- Recurso com controle excessivo e muita burocracia. Régua ampla.

Rubricas macros com autonomia: como garantir que o dinheiro está sendo utilizado dentro dos parâmetros do mercado?

Rubricas macro pode ser um desserviço para os grantees? Quando não ajuda no desenvolvimento e distribuição dos recursos no orçamento?

Instrumentais de monitoramento e prestação de contas muito engessados com foco nas necessidades dos financiadores.

Modelo único para tipos de doações diferentes: Independente do tamanho do investimento, o monitoramento que se faz e a quantidade de informações pedidas são as mesmas.

Como fazer construções conjuntas neste tema, olhando para as necessidades das duas partes?

CONFIANÇA: é possível confiar, sem abrir mão de acompanhar? Como garantir que o dinheiro está sendo bem utilizado?

Transparência: como lidar com questão dos salários? O que fazer com essa informação? Para que saber o salário dos grantees?

Que mecanismos atendem bem os objetivos e decisões estratégicas?

Relatórios estão a serviço do que? Que reflexões podem ser provocadas e construídas a partir da elaboração dos relatórios?

Como a prestação de contas pode ser um instrumento de trocas e aprendizados?

Que aprendizados podem ser compartilhados?



TEMA 1 | BOAS PRÁTICAS

FUNDAÇÃO FORD

Rubricas macros nos orçamentos, Cada vez pede menos detalhes (inclusive em relação aos salários - RH das equipes)

Fazer encontros (zoom meeting) com donatários e suas equipes melhora relações e as pessoas se conhecem e se aproximam.

Abrir espaços de diálogo e acolhimento das dúvidas e angústias no preenchimento dos relatórios.

Rubricas macros fortalecem relações de confiança, gera autonomia e autoresponsabilidade nos grantees.

Reuniões periódicas de construção e checagem de indicadores que podem impactar na prestação de contas.

PESQUISA ORGANIZACIONAL GIFE

Aborda diferentes informações sobre os associados, inclusive o tema cargos e salários. Anonimiza, mas estratifica. Bom subsídio.

Fazer formação sobre o tema: dar orientação sobre o preenchimento dos instrumentos de monitoramento e prestação de contas.

Relações: contato mais próximo entre grantmakers e grantees: dar o feedback sobre o sobre o relatório, questionar, comentar, ouvir, trocar, para além do parecer.

Dar clareza, explicar os “porquês” determinadas informações estão sendo pedidas.



TEMA 1 | AÇÕES DE MELHORIA

Construir os instrumentos de monitoramento e prestação de contas junto com os grantees.

Investir em relações de confiança, criar espaço para trazer questões difíceis.

Pensar tipos diferentes de monitoramento: se é apoio institucional ou por projeto.

**Ter clareza do objetivo do monitoramento:
É para ter transparência do uso dos recursos?
Medir impactos e propor melhorias?
Dar apoio na gestão?**

Sair da "fiscalização" e ir para o "acompanhamento", com mais parceria.

Aproximar grantee de grantmakers na questão dos relatórios. Se colocar disponível para acesso, espaços de diálogos, de confiança, de conversas. Fortalecer essas pontes.

Pensar e propor modelos que provoquem reflexões, aprendizados e avanços. Que sistematize os aprendizados.

O quanto o monitoramento vai contribuir com o planejamento, os processos e resultados? O quanto contribui com o desenvolvimento institucional das organizações?

Criar um grupo de trabalho para ouvir algumas organizações com perfil de atuação similares, para ampliar a escuta e pensar juntos mecanismos de monitoramento e prestação de contas.

Flexibilidade orçamentária conforme necessidades diversas de percurso.

Fazer um banco de boas práticas: para registrar fornecedores, parceiros e construir redes

Fazer mais trocas sobre essas questões, ouvir outras experiências, como estamos fazendo aqui neste grupo.



TEMA 2

PARTICIPANTES

Célia Schlithler - Consultora

Katiane Maria - Spectaculu

Karen Polaz - GIFE

Patrícia Mussi - Instituto Liga Social

Cássio Aoqui - ponteAponte

Mariana Levy - USP

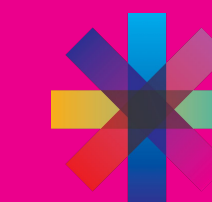
Bruna de Moraes Holanda - USP

Andre Degenszajn - Ibirapitanga

Erika Sanches - GIFE

Ana Karolina Andrade - PACTO

**Como decantar o princípio
"shift the power" em todo o
processo de relacionamento
com as OSCs?**



TEMA 2 | DESAFIOS

EDITAIS E PROCESSOS DE SELEÇÃO

Não é possível enquadrar grandes e pequenas ONGS numa mesma proposta de edital e indicadores.

Falta experiência e formação para os analistas de institutos e fundações responsáveis por rever as propostas de projetos, por isso, acabam se apegando a detalhes que, na prática, não são tão relevantes.

Com frequência as equipes que constroem e operam processos de seleção de donatários não são conscientes e não conduzem o processo tendo o compartilhamento de poder como uma meta e uma diretriz.

Pouca experiência/referências táticas e mecanismos sobre como deslocar este centro de poder.

Burocratização exclui pequenas ONGs, sem pessoa jurídica, do radar de grandes investidores.

Oscs e Comunidades, muitas vezes, adotam uma postura de desconfiança, dificultando a criação de uma relação mais aberta, horizontal e construtiva e de poder equilibrado

Editais acabam dificultando a entrada de pequenas ongs, aumentando a concentração de recursos em grandes ongs.

Edital reduz a possibilidade de construção conjunta

LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

O uso de termos estrangeiros elitiza a comunicação, dificulta o entendimento e aumenta o distanciamento entre doadores e donatários.

Nem sempre o donatário sabe comunicar o que de fato ele faz, ainda mais em texto, mas isso não significa que não seja capaz de executar e gerar impacto.

Indicadores que fazem sentido para o doador, nem sempre fazem sentido para o donatário e vice versa.

São muitas pequenas coisas que precisam ser olhadas para mudar o centro de poder e estabelecer uma relação mais aberta entre doadores e donatários.

As organizações que fazem a ponte entre doadores e donatários criam formas e linguagens para os doadores que não fazem sentido para as comunidades e lideranças.



TEMA 2 | BOAS PRÁTICAS

Adoção de Cartas Convite como alternativa ou complemento aos editais (IBIRAPITANGA)

ponteAponte adotou a estratégia de funil invertido, isto é, nunca com mais de 5 ou 6 questões na primeira etapa, com tempo de resposta de no máximo 30 minutos no pré-teste, e sem pedir muitos documentos para primeira fase.

Editais em vídeo para ajudar a quebrar barreiras de linguagem (IBIRAPITANGA)

A Liga Social está construindo a iniciativa Vitrine da ONG, com o objetivo de levantar indicadores tanto de processos como de resultados, que fazem sentido para financiados e financiadores. Irão lançar um ebook para facilitar que as organizações determinem seus indicadores sem precisar pagar um consultor e também para que ambos possam escolher os indicadores.

Em uma iniciativa do Google, nenhuma organização precisou de NF na prestação de contas. Tudo era documentado em uma planilha, confiando no comprometimento e transparência dos envolvidos.

Projeto do Itaú Social Missão em Foco é uma referência em apoio institucional. Possui uma visão de longo prazo, de 3 ou 5 anos, e participa do desenvolvimento das organizações para além do dinheiro, inclusive para os consultores. Tem uma visão de não precarização do trabalho e cuida das relações em toda cadeia valor.

Em projeto Escola do Amanhã da Unesco, que apoiou 56 escolas, cada uma com desafios específicos, foi investido tempo e recurso para definir indicadores com cada unidade. Em cinco anos, essas escolas alcançaram maior IDEB.



TEMA 2 | AÇÕES DE MELHORIA

Promover diversidade das pessoas nas organizações intermediárias, que vão trazer visões fora da bolha na criação e seleção dos editais.

Aumentar o repertório e exemplos sobre criação conjunta de indicadores e estratégias de mensuração.

Apoiar as ONGs a vibrar na abundância, apoiando com recursos para além de dinheiro, como conselhos, contatos e acesso.

Financiadores que estão adotando um posicionamento mais equânime influenciar e sensibilizar outros financiadores.

Mudar a lógica do investidor fiscalizador e ir para um papel de coprodução.

Grantmaker participativo para transferir poder para quem está recebendo recursos.



TEMA 3

PARTICIPANTES

Viviane Naigeborin - Arimax

Katiane de Souza - Spetaculu

Silvia Moraes - Synergos

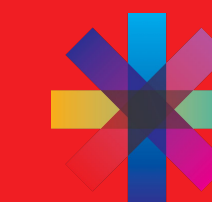
Patricia Mussi - Liga Social

Danielle Ghertman - Instituto SK

Talita Ibrahim - GIFE

Ana Cláudia - GIFE

Como trabalhar com indicadores considerando as dificuldades do campo em mensurar seus impactos?



TEMA 3 | DESAFIOS

Basear os indicadores em algo concreto e claro, determinar os indicadores, mas que não faça dessa coleta uma "dor" e sim uma solução.

A não construção coletiva dos indicadores aumenta a assimetria de informação e de linguagem.

Quando doador tenta adotar uma postura mais próxima na construção dos indicadores e acompanhamento dos resultados, muitos donatários ficam intimidados por conta da relação de poder.

Não é uma prática amplamente adotada reservar recursos para apoiar as organizações na mensuração de resultados.

Existe um desafio de agendas (tempo) para construção coletiva.

Coletar e indicar na unha é difícil, é preciso investir e adotar novos mecanismos e mais tecnológicos para facilitar este processo.



TEMA 3 | BOAS PRÁTICAS

A Fundação Ford e o seu trabalho com indicadores, com doações flexíveis e abertas.

O processo de avaliação do Itaú Social é uma grande referência para o campo.

Ferramentas do GIFE para auxiliar na construção de boas práticas.

Ebook de boas práticas e caminhos para construção de indicadores com exemplo da Liga Social (em produção)

Trabalhar com base em evidências ajudou muito a Arymax. Desenvolveram um estudo para análise do campo de inclusão produtiva que ajudou a definir quais eram as estratégias que davam certo. Com base nesse estudo fizeram sua teoria de mudança e estão construindo uma plataforma tecnológica.



TEMA 3 | AÇÕES DE MELHORIA

Ter mais lugares de fala, escuta e troca. Promover fóruns entre investidor x investido para conciliar visões e pensar macro indicadores comuns.

Mudança de mindset da importância do recurso para as organizações se desenvolverem institucionalmente e serem capazes de construir seus indicadores e mensurar seus impactos com mais profissionalismo.

Criação de plataformas para trocar com outras organizações. EX: emprestar de órgãos públicos e outras organizações indicadores comuns.

Mais produção de conteúdo sobre o tema para ampliação de consciência e engajamento dos atores.

Adotar a co-criação entre grantmakers e grantees como uma premissa básica para o campo.

Revisão dos indicadores no meio do processo, principalmente para projetos menores.

Tornar o processo mais tecnológico e menos artesanal.



TEMA 4

PARTICIPANTES

Maria Fernanda Quartiero - Instituto Cactus

Joana Mortari - Movimento Por uma Cultura de Doação

Graciela Hopstein - Rede de Filantropia para a Justiça Social

Célia Schlithler - Consultora

Thalita Ibrahim - GIFE

Mariana Garcia - PACTO

Como construímos o fortalecimento da democracia juntos? Ao invés de olhar para a causa exclusivamente, como olhar para as OSCs como parte do propósito do financiador?



TEMA 4 | DESAFIOS

Fortalecer mais movimentos, grupos e OSCs integralmente e não focar apenas em seus projetos finalísticos. Reconhecer seu papel de garantidor de direitos.

Democracia Brasileira sob ataque e diversas conquistas do campo dos direitos sofrendo retrocessos.

São poucos os financiadores que têm a temática do fortalecimento da democracia no seu propósito. Grantmakers valorizam pouco as organizações nessa questão da democracia.

Reconhecimento e fortalecimento do papel da Sociedade Civil é uma questão.

Como organizações com um financiamento mais pulverizado e mais livre podem ser fortes e influenciadoras nas suas regiões?

Acesso aos recursos ainda muito centralizado, é preciso democratizar.

Financiamento nacional ainda é muito tímido, precisa avançar.

Como dar liberdade às organizações, grupos e coletivos?

Relações e estruturas de poder



TEMA 4 | BOAS PRÁTICAS

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL

Percepção que as ações parecem incluir o fortalecimento da democracia no propósito. A forma como as pessoas se colocam no mundo transparece como elas se relacionam com as organizações.

A narrativa inclui as Organizações com lugar de importância. Atuam no fortalecimento de coletivos periféricos, elaboram produções, publicações e materiais que fundamentam essa caminhada.

REDE DE FILANTROPIA E JUSTIÇA SOCIAL

- Espaço de articulação de fundos e mobilização de recursos para doação com foco em Direitos Humanos.
- Democracia tem como eixo central a questão dos Direitos.
- Premissa de apoiar organizações que estão na ponta, no território, no campo, lutando por direitos.

Forma de fazer grantmaking: reconhecendo a autonomia dos grupos, quebrar a prática "Top Down", enxergar a potência dos grupos, das organizações, e ajudar elas a pensarem processos de articulação territorial e auto-organização.

Democratização do acesso aos recursos.

REFERÊNCIA INTERNACIONAL

[JUST TRANSITION FOR PHILANTHROPY](#)



TEMA 4 | AÇÕES DE MELHORIA

Conceito de Interdependência (Bernardo Toro - fala de Redes)
“Para que eu possa atingir meus objetivos é preciso que o outro atinja também os dele”

Democratização do acesso aos recursos: Ousadia, dar voz aos invisíveis, aos pequenos, sair dos mesmos. Oportunidade a quem tem mais dificuldade, menos estrutura, mas não menos potencial e capacidade de transformação.

Doador: ampliar a consciência em relação a esse papel de fortalecimento das Organizações.

Ampliar o financiamento local, filantropia nacional.

Reconhecer as dinâmicas de poder.

Garantir espaços de participação política que hoje estão sendo fechados. Sair do paradigma que só o Estado garante políticas públicas, Sociedade Civil tem seu papel.

Colocar os direitos na centralidade do debate. É preciso ocupar um lugar mais relevante na construção de políticas públicas, no monitoramento e avaliação, cobrar transparência, acompanhar as políticas.

Comunicação e informação para este fortalecimento precisa ser aprimorada, mais incisiva.

Consciência que o dinheiro não é a única coisa, a mudança é longa e sistêmica, e interfere nas dinâmicas de poder.

Repensar periodicamente para onde o investimento está indo, diversificar os temas de atuação, abranger diferentes questões sociais.

Ampliar a escuta, entender a realidade das organizações, as necessidades das comunidades, perceber quais necessidades de financiamento institucional eles têm pra dar conta dos propósitos.

Definição dos resultados de uma atuação social construídos de forma conjunta, democrática (o que vai ser feito, que ações, quais indicadores, de que forma).

Grantmaking: enxergar o que já existe e fortalecer aquilo. Identificar onde está a força dos movimentos comunitários, dos movimentos de direitos humanos, da justiça social e com esse dinheiro fazer com que as organizações também decidam quais são os caminhos para esse fortalecimento.



TEMA 5

PARTICIPANTES

Wagner Silva (Guine) - Fundação Tide Setubal

Patrícia Mussi - Liga Social

Luciana Rossi - Instituto Cactus

Gustavo Bernardino - GIFE

Ana Karolina de Andrade - PACTO

Quanto o coinvestimento beneficia ou centraliza ainda mais os investimentos?



TEMA 5 | DESAFIOS

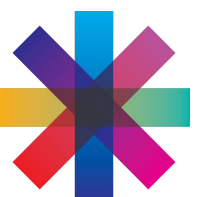
A falta de trabalho organizado e colaboração entre instituições doadoras num mesmo território gera uma captura das secretarias, sobretudo nas de educação, para implementação de projetos. Servidores são tomados pelas demandas de diferentes projetos do investimento social privado que, quase sempre, não se conversam ou mesmo se contradizem.

Fazer coinvestimento gera considerável perda na questão institucional e quem escolhe este caminho deve estar consciente disso.

A governança num contexto de coinvestimento é mais desafiadora

Desarticulação de iniciativas do investimento social privado gera sobrecarga no poder público

Segundo o censo GIFE, 40% do ISP vai para educação, enquanto outras temáticas estão sem cobertura. A desarticulação entre os doadores gera concentração regional e temática.



TEMA 5 | BOAS PRÁTICAS

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL

Se você quer ir rápido vá sozinho, se quer ir longe vá em grupo.

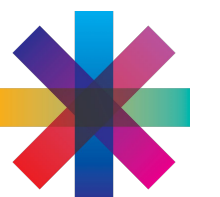
Em 2020, com estratégia de coinvestimento a Fundação Tide Setubal fomentou 300 iniciativas, sozinha ela costumava apoiar cerca de 50 ao ano.

A partir do coinvestimento a Fundação Tide Setubal está alcançando resultados mais ecossistêmicos, com mais tempo de apoio e de acompanhamento dos projetos.

Quem faz gestão do fundo, geralmente, é o porta-voz do grupo

Definir qual o papel de cada organização no processo evita desgastes

Cuidar para que todas as organizações doadoras apareçam



TEMA 5 | AÇÕES DE MELHORIA

Criar um mapa do ISP para saber como os projetos estão distribuídos por temática e território e evitar sobrecarga nas secretarias.

Olhar mais para questões meio (ex: saúde-mental de educadores ou de lideranças de ONGs) para cuidar de questões fins (educação).

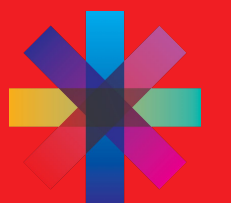
Prática de coinvestimento como estratégia para melhorar a eficiência dos projetos, por meio da alavancagem de recursos e coordenação das ações.

Soltar o ego de atuar em São Paulo

Desapegar do território do mantenedor



REFLEXÕES, INSIGHTS E DESEJOS DE AÇÃO INDIVIDUAIS PÓS JORNADA



A busca por equilíbrio entre prioridades/processos de um grantmaker e de um grantee é constante. Construções coletivas que minimizem as distâncias, desde o ponto de vista de definições de linhas de ações, são essenciais.

Um medo: se tirarmos mais uma camada da cebola, esta conversa está ouvindo quem para a formação de um conhecimento? E quem não está sendo ouvido?

Saio com a reflexão e o desejo de como ampliar efetivamente essa discussão para "não convertidos", transformando-a em ações concretas. Não creio que seja via fóruns/eventos/publicações somente, sem um um-para-um personalizado.

Ainda temos fortes desafios, uma grande disponibilidade em dialogar e construir coletivamente boas práticas e a necessidade de compartilhá-los cada vez mais.

Saio com o sentimento de que há muito o que crescer na relação grantmaking e grantee, sem sacrificar a transparência de utilização de recursos. É possível co-criar! Irmos juntos com parceiros grantees e outras organizações grantmaking.

Saio com a expectativa de fazer esse tipo de discussão mais estruturante -- sobre princípios -- de forma ainda mais ampla, aproximando outros atores para que a discussão saia da lógica doadores / donatários para um debate político do campo social

Conseguir perceber ainda mais a importância da articulação do terceiro setor como um todo para a promoção das políticas públicas, o que deve sempre ser pensado e repensado. Saio com o desejo de contribuir para isso através da produção de conhecimento.

Grantmaking é um "work in progress" no Brasil. Existe muito campo ainda a ser desenvolvido. Por isso a socialização de aprendizados e a abertura para aprendizados é tão importante.

Há um movimento, um começo de mudança no Grantmaking. Temos de trazer mais gente para este diálogo, a começar pelas OSCs.



Desejos (i) compartilhar a sistematização com o restante da equipe do instituto e (ii) discutir cases e ferramentas para materializar o debate de cada tema.

(i) As organizações intermediárias são relevantes por poder de dialogar mais horizontalmente com as organizações sociais de base e com a causa. (ii) O "dono" do dinheiro precisa interagir com a sociedade civil. (iii) E a formação continuada dos gestor do ISP?

Vamos traduzir o Just Transition for Philanthropy?

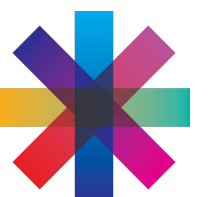
Práticas colaborativas e de aprendizado, como essa experiência com o GIFE, são muito enriquecedoras para rever dinâmicas internas.

Compartilhar aprendizados com equipe e conselho. Incorporar boas práticas e melhorias que ainda não exercitamos. Ficar atenta às relações de poder. Pedir aos investidos feedback da relação. Criar prática de troca contínua com grantmakers.

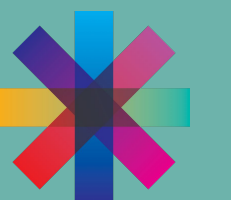
Fazer colaboração dá trabalho e leva tempo, mas trás experiências únicas na vida!

Cuidado: cada indivíduo está em seu processo de conscientização, de ampliação de seu repertório. Da mesma forma, cada organização também. Precisamos respeitar sem julgar e dar ferramentas para o próximo passo possível.

Pergunta: coinvestimento: como esta conversa começa? Qual o sentido que ela faz quando ela migra para outra cultura e outra realidade de investimento social?



**CONSIDERANDO TUDO O
QUE TROCAMOS NESTA
JORNADA, QUAIS SERIAM OS
TEMAS PRIORITÁRIOS PARA
SEREM TRATADOS EM
OUTROS ESPAÇOS DO GIFE?**

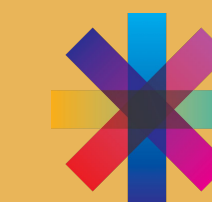


INDICAÇÕES DO GRUPO

- 1. Articulação mais direcionada com vistas a ações colaborativas e co-investimentos para áreas pouco colaborativas, como a defesa da democracia.**
- 2. Discutir as relações doador-donatário/ doador-doador.**
- 3. Aperfeiçoar a construção colaborativa da ação social: do investimento ao monitoramento.**
- 4. Assumindo que nem todos são, como ajudar as organizações-membro do GIFE a darem o próximo passo possível em direção ao grantmaking sem 'assustar' 'catequizar'.**
- 5. Causa prioritária: fortalecimento da democracia.**
- 6. Diversificação da alocação de recursos dando espaço para diferentes arranjos, incluindo a inovação.**



CONTEÚDOS COMPARTILHADOS

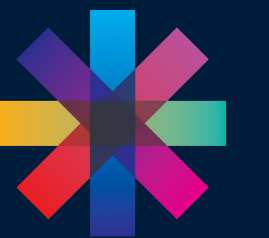


O grupo de colaboração foi ativo nos meios, trocando entre si, publicações, referências e sites.

[Aqui na pasta você pode acessar todo este conteúdo.](#)



OBRIGADO!



11º
CONGRESSO
GIFE/
FRONTEIRAS
DA AÇÃO
COLETIVA
